

5. O “já” e o “ainda não” da plenitude da esperança na práxis da Igreja e no mundo

Ao longo deste trabalho, procuramos apresentar a tensão escatológica do “já” e do “ainda não” da esperança cristã, tomando como ponto de partida a esperança como princípio norteador. Essa esperança, como transfundo na compreensão da teologia do sétimo capítulo da *Lumen gentium*, ajudou a encontrar mais facilmente o sentido da índole escatológica da Igreja. Agora nosso intuito é verificar como acontece essa esperança na práxis da Igreja e como toma forma no mundo.

Primeiramente, é importante salientar que a teologia do Concílio Vaticano II valorizou muito a presença cristã no mundo, clamando a corresponsabilidade do cristão diante da vida, da libertação e dos valores da dignidade, do respeito e da fraternidade entre os seres humanos. Os bispos, neste sentido, salientam acerca da seriedade da vida cristã ao dizer que:

*A prometida restauração, que esperamos, começou já em Cristo, foi impulsionada com a vinda do Espírito Santo, e continua por meio dele na Igreja, que nos faz descobrir na fé o sentido da própria vida temporal, à medida que vamos realizando, com esperança nos bens futuros, a obra que o Pai nos confiou no mundo e vamos operando nossa salvação (cf. Fl 2,12)*³⁴⁶.

O cristão é alguém que sabe da sua condição divina, tem consciência de que sua pátria não é aqui e que vive neste mundo como estrangeiro; mas, ao mesmo tempo, carrega uma responsabilidade diante do mundo, pois, como cristão, recebeu uma missão, confiada por Deus, de transformar as estruturas deste mundo pela obra da salvação.

Neste sentido, os Padres conciliares afirmam que todos os bens da terra inseridos na sabedoria de Deus, como fruto do nosso trabalho na força do Espírito Santo, voltarão ao homem purificado de qualquer mancha e transfigurado por

³⁴⁶ LG, 48b

Cristo, resplandecente de graça. Então, Cristo entregará ao Pai um reino de sabedoria e santidade, reino de justiça e de paz. Essa realidade já começa a acontecer nas relações cristãs e no trabalho de promoção da vida, da justiça e do amor. Por isso, dizia o Concílio: *“Sobre a terra, o Reino já está misteriosamente presente; quando o Senhor vier, atingirá a perfeição”*³⁴⁷.

Desta forma, fica evidente a importância que os Padres dão à existência humana, ao trabalho do homem e à história do mundo no processo de salvação cristã. Nesta tríade, o cristão encontra uma espécie de campo fértil para construir a esperança escatológica e preparar o mundo novo que chegará no fim dos tempos. É dessa estrutura de esperança que se forja a matéria do Reino, que o homem faz produzir, como fruto de seu comprometimento histórico. O Reino vivido vincula essa história atual com toda a economia da Salvação. Assim, o Reino acontece na Igreja e está inserido na história, história da salvação que possui sua unidade em Cristo. Desta forma, compreende-se que a salvação é sempre uma realidade que engloba um desenvolvimento constante em vista da plenitude do Reino³⁴⁸.

Nosso intuito, neste capítulo, será demonstrar como essa salvação é sentida na práxis da Igreja. Para tanto, verificaremos como a comunidade de fé é sinal antecipatório do Reino escatológico, enfocando a missão da Igreja, e o sentido que tem nossa ação eclesial na construção do mundo novo, trazendo presente o reinado do Senhor. Como ponto de partida, verificaremos que o novo céu e a nova terra são uma realidade inserida já aqui na nossa atividade diária. E que o “já” e o “ainda não” da plenitude da salvação na práxis cristã comportam a superação de uma atitude passiva ante a história humana, pois o Reino não é uma espera no pós-morte, mas uma estrutura que começa neste mundo. Neste contexto, a salvação se faz concreta quando se torna esperança para os últimos deste mundo. Quando isso acontece, começa a renovação escatológica do mundo, quando os valores da vida e a lógica do amor superam os interesses pessoais.

³⁴⁷ GS, 39

³⁴⁸ Cf. RATZINGER, J. *Escatología: La Muerte y la vida eterna*. Tomo IX, Curso de Teologia Dogmática, Barcelona: HERDER, 1984, pp. 37-46.

5.1. A Igreja como sinal antecipatório do Reino escatológico

A Igreja como continuadora da obra de Cristo tem sua natureza escatológica como base fundamental para sua finalidade no mundo³⁴⁹. Ela é sinal desse povo messiânico que caminha entre a fé e a esperança nas promessas de Cristo. É imagem visível desse povo da Nova Aliança, que vive “já” aqui o início da realidade última, que ainda está para efetivar-se definitivamente. Assim, pode-se notar que a Igreja é sinal antecipatório da promessa final, pois exprime em seus gestos sacramentais e na sua vida cotidiana a esperança da salvação³⁵⁰.

A Igreja como sinal escatológico é mais claramente percebida quando tomamos consciência da sua missão, que consiste de modo geral em mostrar que tudo possui um acabamento em Cristo, e ao mesmo tempo levar as pessoas ao seguimento de Jesus. Neste sentido, é no seio da Igreja que devemos sentir primeiro os sinais do Reino; ela deve transparecer essa presença de Cristo

³⁴⁹ Pela sua índole escatológica, a Igreja não apenas apresenta ao mundo o Reino de Deus como meta final a toda humanidade, mas ela já o faz presente nas suas instituições e obras. Cf. LG, 48; também sobre este assunto PHILIPS, Mons. G. *A Igreja e seu mistério no Concílio Vaticano II*. op. cit., pp. 50-70; GHERARDINI, B. *La Chiesa arca dell'alleanza. La sua genesi Il suo paradosso i suoi poteri Il suo servizio*. teologia 6, Roma: Pontificia Università Lateranense, Città nuova, 1979, pp 60-96; MOLINARI, P. “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. cit., pp. 1139-1144. GABÁS, R. “Índole Escatologica de la Iglesia peregrinante y su unión con la Iglesia Celestial”. op. cit., pp. 904-905.

³⁵⁰ A realidade futura se apresenta na Igreja de Cristo peregrina pela terra. Neste sentido, ela se configura como instrumento visível da graça final. O concílio na sua estruturação deixou sempre claro o viés fundamental entre tensão escatológica e realidade histórica salvífica da comunidade de fé. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* une o discurso escatológico com a vida prática, demonstrando que essa índole escatológica não é uma realidade extrínseca à Igreja histórica, mas que se realiza, mesma que imperfeitamente na vida do Povo de Deus em marcha. Segundo o Concílio “todos estes bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, fruto da natureza e do nosso trabalho, depois de os termos difundidos na terra, no Espírito do Senhor e segundo o seu mandamento, voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o Reino eterno e universal: Reino de verdade e de vida, Reino de santidade e de graça, Reino de justiça, de amor e de paz. Sobre a terra, o Reino já esta misteriosamente presente; quando o Senhor vier, atingirá a perfeição”. GS, 39; sobre o assunto da índole escatológica da Igreja e sua relação com o mundo é importante consultar LG 48; GABÁS, R. “Índole Escatologica de la Iglesia peregrinante y su unión con la Iglesia Celestial”. op. cit., pp. 904-905; Lina BOFF. “Índole Escatológica da Igreja peregrinante”. op. cit., pp.17-19.

ressuscitado tanto nas suas ações hierárquicas e sacramentais quanto na atividade pastoral³⁵¹.

Diante dessa missão eclesial, defrontamo-nos com uma realidade complexa e conflitiva. O Reino, presente “já” na realidade temporal, enfrenta oposições internas e externas³⁵². A Igreja experimenta, dentro dela, a oposição entre a santidade, a pureza da mensagem de Jesus e as situações de injustiças presentes no mundo e na própria Igreja. O Concílio Vaticano II já bem ressaltou essa realidade ao afirmar: “*a Igreja possui já na terra um santidade verdadeira, embora imperfeita*”³⁵³. Essa situação acontece porque ela possui uma raiz santa, mas no seu interior habita o ser humano imperfeito; e ao mesmo tempo ela vive no mundo, sendo por ele influenciada. Mas esse encontro não é totalmente um “mal”, pois o lugar da Igreja é a história e, por conseguinte, o mundo. E este com todo o seus desafios e tentações.

Então, já podemos notar que um dos primeiros sinais da antecipação escatológica do Reino na vida do Povo de Deus é a luta pela superação de toda tipo de injustiça que gera a imperfeição nas relações entre santidade cristã e vida concreta do povo. Por isso, afirma *Gustavo Gutierrez*: “*a Igreja no Concílio Vaticano II afirmou a sua vontade de serviço, pois as formas concretas que essa atitude deve assumir estão em função – devem estar necessariamente em função –*

³⁵¹ No Cristo morto e ressuscitado, o Reino de Deus, a salvação escatológica, já estão presentes na vida em sua forma real e pessoal. Assim toda a pregação da Igreja, como também na sua ação pastoral, a comunidade de fé continua a missão de Jesus até o fim dos tempos, quando Cristo vier na sua glória. Cf. BOFF, L. *Eclesiogênese: as comunidades de base reinventam a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1977, pp. 77-79.

³⁵² Quando falamos de oposições internas, queremos aludir aos desafios que a Igreja enfrenta no tocante ao testemunho de seus membros, a coerências com a verdade, a luta pela justiça, que nem sempre acontece como deveria acontecer dentro das estruturas eclesiais. A oposição externa é o confronto da verdade do Evangelho, da justiça do reino e da promoção da paz – elementos essenciais para se perceber o Reino de Deus já ativo nas estruturas deste mundo – ante a força contrárias, tais como a violência, a mentira, a exploração dos pobres, a opressão econômica dos países ricos sobre os países pobres, entre outras. Diante desse conflito, a mensagem da boa nova, a esperança escatológica têm sempre que se renovar e procurar novas formas de afirmar o conteúdo salvífico da mensagem de Cristo. sobre esse assunto é importante ler: LIBÂNIO, J. B. & BINGEMER, M. C. L. *Escatologia Cristã: O Novo Céu e a Nova Terra*. op. cit., pp. 74-145; L. BOFF. *Vida para além da morte: O presente: seu futuro, sua festa, sua contestação*. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 1973, pp. 15-31; GUTIÉRREZ, G. *Teologia de la Libertación: perspectivas*. Lima: CEP, 1971, pp. 300-331.

³⁵³ Cf. LG, 48; BOFF, L. *Vida para além da morte*. op. cit., pp. 20-30.

do mundo no qual a comunidade cristã está presente”³⁵⁴. A Igreja é chamada, assim, a engajar-se num processo constante de conversão, num processo de reconciliação com Deus e com os homens de todas as raças, línguas e culturas³⁵⁵.

Certos de que esta etapa histórica da comunidade de fé não é o Reino definitivo, e, por isso mesmo, ela não é perfeita, temos, também, que admitir que nem por isso estamos desobrigados a buscar a verdade, a justiça e o amor. Não se pode solapar da comunidade cristã a sua missão fundamental de ser dispensadora das graças e virtudes divinas. No campo da esperança escatológica, a Igreja representa um lugar onde se vivencia a Boa Nova. Por essa razão, para *Jon Sobrino*, Jesus anunciava o Reino como Boa Nova para os pobres, não como ideal ou utopia futura, mas como esperança concreta que incide na transformação das estruturas materiais e sociais³⁵⁶. Por causa disso, a comunidade cristã deve representar um sinal vivo da presença salvífica de Cristo na história humana. Como instrumento do Reino deve construir caminhos mais humanos e fraternos, no qual a humanidade possa marchar rumo ao Reino definitivo. Assim, deve sentir-se impelida, constantemente, a buscar a santidade, a justiça e o amor, por uma vida de caridade que torne eficaz o anúncio de Evangelho.

Essa busca da santidade perfeita toma forma no compromisso de cada fiel em prol dos valores do Reino nas diversas realidades em que vive. A escatologia, neste sentido, tem um caráter histórico-temporal, pois a existência cristã vai tornando-se efetiva à medida que se desenvolve e cresce a defesa da vida³⁵⁷. Por isso, os bispos em Medellín afirmavam:

por mediação da consciência, a fé – que opera pela caridade – está presente no compromisso temporal dos leigos como motivação, iluminação e perspectiva escatológica, e dá sentido integral aos valores baseados na dignidade humana, na união fraterna e na liberdade, que

³⁵⁴ GUTIÉRREZ, G. *A Força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 48.

³⁵⁵ Cf. CHENU, B. e COUDREAU, F. *La foi des catholiques: catéchèse fondamentale*. Paris: Centurion, 1984, pp. 600-603.

³⁵⁶ Cf. SOBRINO, J. *Jésus en América latina: su significado para la fe y la cristología*. Santander: Sal Terrea, 1982, pp. 230-235.

³⁵⁷ Cf. SOBRINO, J. *Cristología desde américa latina, col. Teologia latino americana*. 2ª edição, México: Ediciones CRT, 1977, pp. 54-59.

voltaremos a encontrar limpos de toda a mancha, iluminados e transfigurados, no Dia do Senhor”³⁵⁸.

A obra de Cristo continua na missão da Igreja. O mandato de Jesus é para que todos se voltem para o Pai e busquem a justiça do Reino. É na missão de Jesus Cristo que a Igreja encontra seu sentido e sua força. A missão dela nasce da missão do Mestre, que consiste em prolongar no mundo a presença do Senhor, especialmente, quando ela anuncia a mensagem da esperança salvífica, pois, o Reino que está por vir não pode ser totalmente alheio a este mundo, mas já acontece e realiza-se em figura sacramental na atividade de Cristo por meio da Igreja³⁵⁹. Assim, a comunidade cristã não pode esquivar-se dessa tarefa; sua condição escatológica não é um privilégio, mas uma forma histórica de manifestar ao mundo as maravilhas do Senhor. Em outras palavras, o anúncio da esperança do Reino é a primeira e principal tarefa da Igreja.

A Igreja, portanto, é, mais nitidamente, sinal do Reino quando trabalha conjuntamente a salvação e a libertação, a esperança e a realização efetiva e afetiva do graça, pois num continente como o nosso, explorado e espoliado, a salvação não podem ser dissociadas da vida, transformadas num discursos consolador. Como bem afirma *L. Boff*, a escatologia deve falar do presente em função do futuro. “A escatologia, como formula Rahner, não é uma reportagem antecipada de acontecimentos que irão acontecer no futuro, mas é a transposição no modo de plenitude daquilo que aqui vivemos no modo de deficiência.”³⁶⁰. Assim, as realidades escatológicas são realidades que começam não após a morte, mas já devem ser vividas e experimentadas aqui, embora imperfeitamente.

Elas começam a existir aqui na terra, vão crescendo até que na morte se dá um desabrochar pleno: ou para a frustração para aquele que se orientou negativamente e fechou-se à luz do sentido, ou para a plena

³⁵⁸ CELAM – *Conclusões da Conferencia Episcopal Latino Americana de Medellin*. 6ª edição, São Paulo: Paulinas, 1987, p. 102 (nº 10, 2.4).

³⁵⁹ Cf. SOBRINO, J. *Cristología desde américa latina*. op. cit., p.55.

³⁶⁰ Cf. BOFF, L. *Vida para além da morte: O presente: seu futuro, sua festa, sua contestação*. op. cit., pp. 15-31.

*realização para aquele que se manteve permanentemente aberto a toda realidade, especialmente para Deus*³⁶¹.

Podemos perceber que a mensagem de Jesus está repleta de esperança na efetivação da salvação. Essa promessa é inseparável da Igreja, mesma que a transcenda. Nos seus membros, pelo testemunho de cada um, o Povo de Deus vai anunciando a salvação prometida. Nisso, esconde o mistério eclesiológico da comunidade: *“uma realidade humana feita de homens pobres e limitados, mas penetrada pela presença insondável e pela força do Deus uno e trino que nela resplandece, apela e salva”*³⁶².

Assim, para o Concílio Vaticano II urge à Igreja envolver-se no mundo, a fim de que sua pregação e mensagem atinjam mais eficazmente as pessoas. Porque na perspectiva da fé os cristãos carregam as aspirações de um mundo melhor e a busca do sentido último de toda humanidade. Em outras palavras,

*a Igreja sabe perfeitamente que, ao defender a dignidade da vocação do homem, restituindo a esperança àqueles que já desesperam do seu destino sublime, a sua mensagem está de acordo com os desejos mais profundos do coração humano. Longe de diminuir no homem, a sua mensagem contribui para o seu bem, difundindo luz, vida e liberdade; e fora dela, nada pode satisfazer o coração humano*³⁶³.

Essa realidade faz-nos vislumbrar o novo céu e a nova terra “já” presentes aqui na história humano. Essa realidade terrenal está preta de sinais do Reino, porque Jesus ressuscitado vive em nosso meio pelo Espírito Santo. Ele está presente em todos os acontecimentos da vida cristã, em que reina o amor, em que a justiça é promovida e a paz é alcançada. Assim, o Reino definitivo nós “já” sentimos nas relações fraternas, pois o céu começa em cada um que promove a vida. O desfecho final “ainda não” chegou, mas temos a firme esperança de que na hora certa chegará e, então, seremos uma só nação de muitos povos, raças e línguas, louvando e bendizendo a Deus junto com o coro dos anjos e dos santos.

³⁶¹ Ibid., p.26.

³⁶² CELAM – *Conferência Episcopal Latino Americana de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 6ª edição, 1987, p. 138 (nº 230-231).

³⁶³ GS, 21.

5.2. O “já” e o “ainda não” da plenitude da salvação na práxis cristã: o novo céu e a nova terra na superação de uma visão unilateral

É imperativo fundamental da Igreja, no Concílio Vaticano II, a urgência das mudanças das estruturas humanas atuais em todas as dimensões. Essa exigência brota da consciência da exigência do testemunho de Cristo. Segundo *K. Rahner*, a busca pela nova terra é uma motivação que acompanha uma nova atitude humana diante da vida, não somente na forma teórica, mas na atitude ante as questões da vida. Para ele a esperança escatológica deve criar um homem novo, movido por novas formas de relacionamentos, nas quais tenham o amor como base fundamental³⁶⁴.

Com relação a nossa responsabilidade na construção do mundo novo “já” aqui na terra, é imperativo salientar o avanço que a escatologia do Vaticano II trouxe para essa reflexão. Antes do Concílio, a teologia escatológica era compreendida por algumas correntes de pensamentos em duas formas: em alguns casos ela era vista como esperança futura desvinculada do tempo presente, numa relação transcendente e atemporal; em outros casos era bombardeada por pensamentos modernos que se afirmavam em construir uma esperança de vida feliz numa realidade puramente temporal. Ora, conforme o que tentaremos demonstrar, essas duas formas de ver a teologia escatológica não atingiram a totalidade da reflexão acerca da esperança cristã.

No primeiro caso, a escatologia era tratada como uma reflexão da esperança essencialmente para o fim dos tempos. E aí se pergunta: por que a terra, se o que vale é o céu? Essa concepção não coincide com o entendimento popular do fim dos tempos e muito menos com o pensamento clássico dos manuais de teologia dogmática. Essa ideia assemelha-se mais com o ideal da filosofia antiga, no tocante ao pensamento dualista, no qual o mundo é tido como algo desprezível

³⁶⁴ Cf. RAHNER, K. “La Nouvelle terre”. In *Écrits Théologiques: Monde modern et théologie*. vol. 10, Mame: Desclée De Brouwer, 1970, 107-109.

e inferior. Assevera-se neste pensamento que a verdadeira vida se realiza no céu, e unicamente aí se instauram os verdadeiros valores. A vida neste mundo é considerada pejorativa, punitiva, como tempo de provação³⁶⁵. Segundo *L. Boff*, a religião, por sua vez, assumia uma função limitadora e castradora de sentimentos e ações pessoais. As visões do inferno com seu fogo devorador amedrontavam mais que cooperavam para uma vida saudável diante de Deus³⁶⁶.

Assim, toda esperança era posta na vida após a morte, pois nada se esperava daqui: tudo era para depois desta vida. Na teologia, essa concepção traduziu-se em uma visão alienante do Reino de Deus. Este Reino projetava-se para o futuro, sem muita inserção na história atual. Aguardava-se o irromper dos céus, da renovação de todas as coisas em uma dimensão extraterrena. Esse ideal deu origem a muitos movimentos carismáticos ao longo da história, que defendiam essa radicalização da escatologia cristã. Esses movimentos anunciavam a esperança dos oprimidos deste mundo como prêmio no céu. Entre eles, podemos destacar como ilustração os valdenses, os albigenses, os hussitas, os seguidores de *Joaquim de Fiore*, entre outros³⁶⁷. Para todos eles, o fundamental era a salvação da alma, não importando o corpo e, por conseguinte, a transformação do mundo não pertencia ao quadro de suas preocupações fundamentais.

A outra forma de conceber a teologia escatológica era colocar toda atenção na terra, sem lançar um olhar atento ao céu. Essa concepção tratava do céu como lugar alienante e sem sentido, o que vale é transformar o mundo. O axioma é não o céu e sim, a terra! Muitos pensadores enveredaram por esse caminho e formaram um verdadeiro exército contra o céu. Entre eles destacam-se *L. Feuerbach* e *F. Nietzsche*. O primeiro afirmava que “Deus é o espelho do homem” e que a religião está no relacionamento do homem consigo mesmo. Negar o mundo em detrimento do céu era negar-se a si mesmo³⁶⁸. Nesta mesma

³⁶⁵ Cf. BOFF, L. *Vida para além da morte*.: op. cit., p.27.

³⁶⁶ Cf. Ibid., pp. 26-28.

³⁶⁷ Cf. Ibid., p.27-30.

³⁶⁸ Cf. REALE, G. e ANTISERI, D. *História da Filosofia*. Vol. III, 3ª edição, São Paulo: Paulus, pp. 170-175.

linha, encontramos o pensamento de *Nietzsche*, que conclamava os seres humanos a permanecerem fiéis à terra e não acreditarem em esperanças supraterras³⁶⁹. Para ele, o que vale é a vida presente. O homem é o seu hoje e sua esperança está em si mesmo.

Essa concepção que nega o céu em detrimento da terra, mesmo trazendo enormes e consideráveis avanços para a humanidade, não resolveu as questões fundamentais acerca do sentido da vida e do destino deste mundo, porque o ser humano, por mais que negue sua essência, jamais pode separar-se dela. Ele é um ser da transcendência, e nada neste mundo o satisfaz plenamente. Nem mesmo a alta tecnologia do mundo pós-moderno pode oferecer o sentido última de sua vida. Segundo *L. Boff*: “*a terra clama pelo céu, como por sua plenitude*”.³⁷⁰

Então, a saída é construir um raciocínio no qual se conflua a busca pelo céu como fundamento último da existência sem, no entanto, descuidar da transformação e do avanço deste mundo, tornando-o melhor em todos os aspectos. A ideia é, portanto, criar um discurso escatológico que valorize a terra como lugar de vivência, mesmo que imperfeitamente, da esperança do Reino. O Reino de Deus não é uma realidade totalmente alheia ao nosso mundo, nem tampouco é este mundo. Essa nova realidade, na verdade, não é um outro planeta totalmente novo, mas é esse nosso, totalmente renovado, onde o senhorio de Deus esteja acima dos poderes e força individuais. A esperança escatológica que leva a convicção da salvação prometida, não se pode alcançar somente com o avanço deste mundo, com a libertação das estruturas mundanas, com o enriquecimento dos países pobres e com o fim da miséria, mas, também, com a consciência de que tudo está voltado para Deus, e que para Ele tudo converge. Por outro lado, uma salvação que não liberta das estruturas opressoras, que não promove a vida, que não favorece a dignidade da pessoa, que não alarga as relações de justiça, paz e amor entre os homens, neste mundo, dificilmente encontrará relevância para

³⁶⁹ Cf. NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Col. *Os Pensadores*, Vol. 1, 5ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1991, pp. 191-207; BOFF, L. *Vida para além da morte*. op. cit., p.29.

³⁷⁰ BOFF, L. *Vida para além da morte*.: op. cit., p.27.

humanidade, sobretudo, para os povos que vivem em lugares onde a vida é desrespeitada. O Concílio já deixou bem claro que a esperança escatológica não deve diminuir nosso compromisso com este mundo, ao afirmar que: “*a importância das tarefas terrenas não é diminuída pela esperança escatológica, mas que esta antes reforça com novos motivos a sua execução*”³⁷¹.

A Igreja deixa transparecer, na sua doutrina escatológica, que a esperança no céu é um motivo a mais para vivermos os sinais do Reino aqui nesta experiência terrenal. O Concílio exorta os cristãos, cidadãos de ambas as cidades, a que procurem cumprir fielmente os seus deveres terrenos, guiados pelo Espírito do Evangelho. E diz:

*Afastam-se da verdade os que, sabendo que não temos aqui na terra uma cidade permanente, mas que vamos em demanda da futura, pensam que podem por isso descuidar dos seus deveres terrenos, sem atenderem a que a própria fé os obriga ainda mais a cumpri-los, segundo a vocação própria de cada um*³⁷².

A mentalidade de que a esperança escatológica não tem vínculo nenhum com a vida presente está mais ligada à compreensão filosófica da fé do que com o pensamento bíblico e patrístico. É por isso que encontramos, por diversas vezes, nas notas de rodapé do sétimo capítulo da *Lumen gentium* mais citações bíblicas e patrísticas do que pensamentos filosóficos sobre o assunto. Tanto a teologia bíblica, quanto o pensamento patrístico estão mais próximos do ideal que une a esperança futura com o compromisso com a vida, pois tanto na tradição bíblica como na patrística, o destino do mundo está, de certa forma, presente nas decisões tomados na vida concreta. Por isso o Reino não começa lá no pós-morte, mas aqui, e plenifica-se no céu. “*A felicidade que na terra gozamos, o bem que fazemos e as alegrias que saboreamos no dia a dia da existência são já vivência do céu, embora sob forma ambígua e deficiente*”³⁷³.

³⁷¹ GS, 21.

³⁷² GS, 43.

³⁷³BOFF, L. *Vida para além da morte.*: op. cit., p.31.

A vitória do amor sobre o ódio, a relação afetuosa que conseguimos vivenciar é o “já” e o “ainda não” da esperança final, germinando na vida concreta de cada cristão. Os gestos de caridade e fraternidade que encontramos em tantas pessoas; a solidariedade dos grupos humanitários de ajuda são sinais da vitória do amor. Nestes e em tantos outros casos, o céu começa ali e se abre ao infinito amor de Deus que ama gratuitamente.

O céu, que começa na terra, não é fruto de especulações árduas ou fantasias alienantes. É a potencialização daquilo que, já na terra, podemos e devemos experimentar, pois, sempre que, na terra, fazemos a experiência do amor, do bem, da fraternidade, da solidariedade e da partilha, “já” estamos realizando, em forma precária, mas real, a vinda do novo céu e da nova terra. O céu começa em cada um que se abre para Deus, no qual se encontra a plenitude do céu, do amor e da esperança. O germe do céu acontece, portanto, em todo lugar onde reina o amor e a promoção da vida. Assim, a escatologia não é um sair do mundo, mas um estar no mundo de forma mais qualificada. Por isso, a escatologia torna-se esperança para os últimos deste mundo, presença salvífica, concretamente realizando a unidade indissolúvel entre o céu e a terra, a Igreja peregrina e a Igreja celeste.

5.3. A esperança escatológica como esperança para os últimos

A escatologia conciliar fala de uma viva esperança no cumprimento das promessas salvadoras de Deus para seu povo. Essa espera manifesta-se desde já como esperança para os últimos³⁷⁴. Ela se traduz concretamente como esperança

³⁷⁴ Nós podemos definir essa esperança como um processo de libertação das estruturas opressoras que afrontam a manifestação do Reino na vida concreta das pessoas. Por isso ensinam os bispos em Puebla: que na certeza de que “Jesus exaltado, não se apartou de nós... Está presente no meio dos que se reúnem em seu nome e na pessoa dos pastores que envia; e quis identificar-se, num gesto de ternura particular, com os mais fracos e mais pobres”. Assim proclamamos a Boa Nova da pessoa de Jesus Cristo aos homens da América Latina, chamados a serem homens novos pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho, para sustentarem seu esforço e revigorarem sua esperança. CELAM – *Conferência Episcopal Latino Americana de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. op cit., p. 130 (n° 196-197); ver também LG, 48d.

de ter um lugar para viver, ter um emprego digno, ter escola e lazer, como libertação sociocultural, como vida além da morte individual, enfim, como relacionamento com Deus, que proporciona a vida plena. Esse dinamismo da graça salvífica é esperança que se revela como vida bem sucedida, como história bem sucedida que culmina na visão beatífica³⁷⁵.

Diante dessa expectativa cristã, nasce a convicção de que a situação de morte, na qual vivem muitos povos, não tem a derradeira palavra; a ressurreição do Senhor é garantia da esperança dos pobres deste mundo. A fé na vida nova de Jesus é, para os oprimidos, a esperança realizada³⁷⁶. A utopia da ressurreição, alcançada em Cristo, estende-se aos que se orientam por Ele. Por isso afirma o Concílio Vaticano II:

tendo por certeza que ‘os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória futura que há de revelar-se em nós’ (Rm 8,18; cf 2Tm 2,11-12), esperamos com fé firme o cumprimento da ‘feliz esperança da manifestação gloriosa do grande Deus e Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo’ (Tt 2,13), o qual transformará o nosso corpo de miséria, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso...³⁷⁷.

Mediante essa certeza, o cristão não pode perder de vista que “*é um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança*”³⁷⁸. Essa convicção irrompe uma nova ordem nas relações com Deus e com as pessoas, pois deve estar presente na vida concreta da comunidade cristã, mudando seu modo de agir e pensar. Porque o anúncio da Boa Nova da salvação não pode ficar somente como símbolo universal da esperança utópica do reino, sem considerar outras utopias dos homens e

³⁷⁵ Para a teologia da esperança, o conteúdo escatológico da realidade salvífica atinge os limites daquilo que se chama de finitude cósmica. Nela o *éschaton* se torna *fatum* em dinamismo final. Neste sentido a esperança não é vazia, mas enraíza-se nas experiências e necessidades históricas, tornando-se esperança histórica. Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*. op. cit., pp. 129-180; BLANK, R. J. *Nosso mundo tem futuro: Escatologia cristã*. vol. 2, São Paulo: Paulinas, 1993, pp. 7-20.

³⁷⁶ Cf. BOFF, L. *Do Lugar do pobre*. 4ª edição, Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 139-151.

³⁷⁷ LG, 48d.

³⁷⁸ GS, 22.

mulheres deste mundo, porque só será cada vez mais esperança e Boa Nova quanto mais for concretamente libertação para os grupos que sofrem e são oprimidos³⁷⁹.

Para *Jon Sobrino*, a esperança escatológica é relevante à medida se personifica nas utopias da práxis cristã de cada batizado³⁸⁰, que inclui, entre outras coisas, a superação da miséria e da exploração³⁸¹. Segundo o profeta Isaías, o reino se fará presente quando ninguém mais construir para que outro habite, nem plantar para que outro coma, quando cada um consumir a ‘obra de suas mãos’, ou seja, quando for superada a servidão³⁸². Lutar por um mundo onde não haja mais explorados, nem opressões, nem senhores nem escravos, representa já instaurar o reino aqui, mesmo que de forma ofuscada.

No horizonte da esperança, na plenitude da salvação, a Igreja é, como já dissemos, o instrumento pelo qual Cristo manifesta essa promessa no mundo. Esperamos a salvação do mundo, e essa deve manifestar-se na ação de caridade e solidariedade para com os fracos e explorados³⁸³, caridade para com os excluídos, os sedentos de justiça, os famintos de pão material e espiritual e os abandonados do sistema socioeconômico, religioso e cultural. Por isso, a pregação da Boa Nova desde já se realiza na efetivação destes sinais escatológicos na vida concreta dos homens e mulheres. Essa concretude, mesmo que parcial, é sentida na construção de uma sociedade da paz. Assim, a Igreja tem o dever de fazer avançar a causa de Cristo e tornar visível pela fé a esperança final. Onde isso acontece, visualiza-se a tensão escatológica do “já” e do “ainda não” da plenitude da salvação. Nesse sentido, o anúncio da libertação, da promoção da vida e da defesa da dignidade

³⁷⁹ Cf. SOBRINO, J. *Jésus en América latina: su significado para la fe y la cristología*. op. cit., p. 235.

³⁸⁰ Cf. SOBRINO, J. *Cristología desde américa latina*. op. cit., pp. 58-59.

³⁸¹ Cf. GUTIÉRREZ, G. *A Força histórica dos pobres*. op. cit., pp. 50-52.

³⁸² Cf. Is. 65, 22

³⁸³ Cf. RONDET, H. *Fim do homem e fim do mundo: ensaio sobre o sentido e a formação da escatologia cristã*. São Paulo: HERDER, 1968, pp. 266-267.

das pessoas carrega um caráter eminentemente escatológico da fé, pois manifesta a esperança nas promessas de Cristo³⁸⁴.

Entende-se, desta forma, que a tensão escatológica manifestada na vida da Igreja não se desvincula do compromisso com a vida presente. Não se compreende anúncio salvação sem a conquista das condições mínimas de vida neste mundo. A plenitude da vida é esperança sempre mais viva, à medida que essa utopia se faz topia no dia a dia das pessoas. A índole escatológica da Igreja é um nó que relaciona esse mundo com o que virá. A salvação da alma, como se falava antigamente, não pode estar “desconectada” da salvação integral da pessoa. No ensinamento de São Vicente de Paulo³⁸⁵, no século XVI, já encontramos que:

*Evangelizar os pobres não consiste unicamente em ensinar os mistérios necessários à salvação, mas em fazer as coisas preditas e prefiguradas pelos profetas, tornando eficaz o Evangelho. Que a Igreja se dedique ao cuidado dos pobres, não foi isto o que fez nosso Senhor e fizeram muitos santos que não apenas oravam pelos pobres, mas também os consolavam, socorriam e curavam? Não são nossos irmãos? E se a Igreja os abandona, quem imaginais que os assista? De maneira que, se houver alguém entre nós que pense estar na missão para evangelizar os pobres e não para socorrê-los, para remediar suas necessidades espirituais e não as temporais, respondo que devemos assisti-los e fazê-los assistir de todas as maneiras...*³⁸⁶.

É confortante escutar essas palavras de São Vicente que, já no século XVI, entendia que não havia dicotomia entre a salvação das almas e a promoção da vida. Por isso, a escatologia do Concílio Vaticano II coloca em evidência que o Deus da vida age na história, transformando o homem integralmente. Sendo o Deus da vida, seus projetos incentivam a esperança em situações de mais vida, até chegar à sua plenitude. O grande anseio de um povo que conquistou a sua terra

³⁸⁴ Cf. BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador: Ensaio de Cristologia Crítica para nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972, pp. 130-137.

³⁸⁵ São Vicente de Paulo, nasceu em 1581 no sul da França, na pequena cidade de Pouy, ao sul de Paris. Estudou em Tolosa, formando-se bacharel em teologia e direito canônico. Ordenado sacerdote em 1600, fundou em 25 de janeiro de 1617 a Congregação da Missão (padres lazaristas), que tinha como objetivo cuidar dos pobres abandonados pelo clero parisiense. Sua missão consistia em *evangelizare pauperibus misit me!* Cf. GOCH, A. *O meu herói Vicente de Paulo*, Coleção Vicentina 9, Curitiba, Gráfica Vicentina, 1998, pp. 1-170.

³⁸⁶ DE PAULO, São Vicente, “Conferência 195 aos Padres da Missão”. In: COSTE, P. *Conferenze ai Preti della Missione*. Vol XII, Roma: Edizioni Vincenziane, 1959, pp. 544-564.

através de dores e lutas é alcançar a paz duradoura. Essa paz é um projetar da promessa à realização, pois como diz R. J. BLANK, “*Deus promete realizar aquilo que o povo deseja e, mais uma vez, formula uma promessa que se apoia nas suas ações do passado para a realização de um futuro*”³⁸⁷. O mundo, neste sentido, é palco onde acontece a primeira cena desta aventura divina. Por isso, o “já” e o “ainda não” da plenitude da salvação transforma o mundo velho, dando-lhe formas e dimensões novas. Com isso, o reino que se manifesta *ad intra* toma forma histórica no mundo. A visibilidade dessa salvação é sentida pela transformação escatológica do mundo. Vamos verificar, nos próximos itens, como isso acontece concretamente.

5.4. A renovação escatológica do mundo

A teologia conciliar centra-se na pessoa de Jesus e seu projeto do Reino de Deus, e ao mesmo tempo, também, faz referência ao papel do cristão, que precisa trabalhar e transformar as estruturas deste mundo³⁸⁸. A respeito do papel cristão na renovação do mundo, o Concílio afirma no Decreto *Apostolicam actuositatem*:

*A obra da redenção de Cristo, enquanto por sua natureza tem como fim a salvação dos homens, compreende também a restauração de toda a ordem temporal. Por isso, a missão da Igreja não é apenas trazer aos homens a mensagem de Cristo e a sua graça, mas também permear e aperfeiçoar a ordem das coisas temporais com o espírito evangélico*³⁸⁹.

Por isso mesmo, compete a cada fiel, em seu estado de vida e no lugar onde estiver, promover a renovação do mundo pela sua consciência cristã e pela práxis evangélica. Pelo testemunho cristão, de uma vida pautada nas exigências evangélicas, os membros da Igreja vão construindo a renovação escatológica do mundo. A mudança de mentalidade nas relações humanas com Deus e com os outros seres humanos é a base dessa renovação escatológica.

³⁸⁷ BLANK, R. J. *Nosso mundo tem futuro: Escatologia cristã*. vol. 2, op. cit., pp. 10-11.

³⁸⁸ Nós podemos encontrar muitos elementos acerca deste assunto na *Lumen gentium* 48, como também na *Gaudium et Spes* números 11, 15, 21, 23, 24, 26, 37, 38, 40, 41, 43, 55, 58, 63, 76.

³⁸⁹ AA, 5.

A efetivação da renovação escatológica do mundo pressupõe perceber o senhorio de Jesus acima dos interesses pessoais, a lógica da vontade de Deus sobre os desejos humanos e a superação da desigualdade diante do individualismo. Assim, entendemos que a plenitude da realização do mundo em sua forma definitiva e escatológica precede uma práxis transformadora, que renove as relações entre os seres humanos em vista da salvação universal³⁹⁰. É importante lembrar que o cristão é chamado, por sua vocação salvífico-universal, a participar da transformação escatológica do mundo, pois, pela sua práxis cristã, desenvolve, neste mundo, a obra que o Pai deseja, por meio do Espírito Santo³⁹¹.

Um dos primeiros sinais de renovação escatológica do mundo é a busca pela libertação dos povos oprimidos. O clamor por libertação atravessa hoje o mundo inteiro, sobretudo, nos países pobres da África, da Ásia e da América Latina. A libertação é uma grande bandeira de todos os que acreditam na plenitude da salvação, porque é quase impossível falar de esperança e plenitude de salvação para quem vive, terminantemente, sob o jugo da opressão e da tirania. A situação de morte causada pela injustiça social e pela exploração econômica é uma afronta à esperança escatológica. Os homens sofrem pela opressão econômica gerada pelo próprio homem e clamam por justiça social. Eles sofrem pela alienação cultural que se traduz em racismo e preconceito, gerando uma verdadeira luta de desigual, marcada por uma vida, muitas vezes fútil. Sofrem, ainda, pelo vazio de uma existência sem sentido último, produtora de uma sociedade hedônica. Esses sinais do antirreino são obstáculos que urgem superação dentro da cultura cristã. A renovação escatológica do mundo implica, portanto, uma macrolibertação que começa pelo respeito às culturas, pela valorização dos pobres e o fim da opressão aos empobrecidos³⁹².

³⁹⁰ Cf. NICOLAS, J. H. *Synthese dogmatique: de la Trinité à la Trinité*. Paris: Beauchêne, 1985, pp. 1245-1248.

³⁹¹ Cf. LG, 48b.

³⁹² Para aprofundar esse assunto pode-se consultar o artigo “Esperanza en la resurrección y práxis liberadora”. In: MOLTSMANN, J. *El futuro de la Creación*. Salamanca: Sígueme, 1979, pp. 125-143; também GRELOT, P. *O Mundo Futuro*. São Paulo: Paulinas, 1977, pp. 126-129.

Como ensinam os bispos da América Latina, a renovação do mundo é, em primeiro lugar, uma ação do Espírito Santo, que Deus derramou no coração de cada cristão³⁹³. Por isso, diziam eles em Puebla: “A *renovação dos homens e consequentemente da sociedade vai depender, em primeiro lugar, da ação do Espírito Santo de Deus. As leis e estruturas deverão ser animadas pelo Espírito que vivifica os homens e faz com que o Evangelho se encarne na história*”³⁹⁴. Esse Espírito impulsiona os fiéis a construírem aqui as condições para o desenvolvimento histórico do reino. A salvação pregada na evangelização concretiza-se em libertação das forças contrárias à plenitude da vida.

Assim, a renovação escatológica do mundo pressupõe a urgente transformação do homem e das várias estruturas humano-sociais que integram a sua existência. Essa renovação escatológica urge emergir um homem novo, marcado pela busca da caridade perfeita, pois o Verbo de Deus ensina que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor.

*E se alguém quer saber de que maneira se pode superar esta situação miserável, os cristãos afirmam que todas as atividades humanas, constantemente ameaçadas pela soberba e amor próprio desordenado, devem ser purificadas e elevadas à perfeição pela cruz e ressurreição de Cristo*³⁹⁵.

Para K. Rahner, pelo amor o cristão pode apresentar ao mundo um caminho de transformação e revitalização. A união pelo amor gera uma família de irmãos, que podem lutar mais eficazmente contra o espírito do egoísmo possessivo, do hedonismo e tantos outros problemas que empalidecem a visão e a presença da salvação³⁹⁶.

³⁹³ Cf. LIBÂNIO, J. B. e BINGEMER, M. C. L. *Escatologia Cristã: O Novo Céu e a Nova Terra*. op. cit., pp. 220-224.

³⁹⁴ CELAM – *Conferência Episcopal Latino Americana de Puebla*. op. cit., pp. 130-131 (nº 198-201).

³⁹⁵ GS, 37-38.

³⁹⁶ Cf. RAHNER, K. “La Nouvelle terre”. In *Écrits Théologiques: Monde moderne et théologie*. vol. 10, Mame: Desclée De Brouwer, 1970, 110-111.

É importante nunca esquecer o que o Concílio indagou sobre a índole escatológica da Igreja, quando salientou que essa mesma tensão escatológica conduz os cristãos a construírem já, com obras de caridade, as estruturas do mundo novo. Assim, entendemos que *“a prometida restauração, que esperamos, começou já em Cristo, foi impulsionada com a vinda do Espírito Santo, e continua por meio da Igreja, que nos faz descobrir na fé o sentido da própria vida temporal”*³⁹⁷. E o Concílio, ainda, diz que *“à medida que vamos realizando, com esperança nos bens futuros, a obra que o Pai nos confiou no mundo, vamos operando nossa salvação”*. Portanto, é exigência de uma vida autenticamente cristã buscar a renovação deste mundo por meio da ação evangelizadora.

A renovação escatológica do mundo é antecipação do futuro de Deus para o homem e para esse mundo. A realização dessa vida nova está em processo, pois, como dissemos acima, o Espírito de Deus caminha conduzindo cada pessoa que se deixa tocar pela plenitude da graça. Quem recebeu o penhor do Espírito e vive por meio dele, já participa dessa nova realidade e pode esperar, que, em si, o que foi iniciado, por meio do batismo, atingirá a sua consumação. Todavia, essa consumação se dará à medida que cada um colaborar com a obra do Reino, a fim de que seja prosseguido o que teve começo, pois *“as primícias do Espírito são início de salvação para a existência corporal e de convivência (cf. Rm, 8, 23). Onde os homens se deixem determinar pelo poder-de-vida de Deus consuma-se a existência convivente e social, vai-se tornando presente a realidade da Ressurreição”*³⁹⁸.

A renovação escatológica do mundo produz uma cultura de paz, porque vivendo num tempo de graça “já” experimenta os frutos da salvação. A paz e a concórdia como veremos abaixo são mais outros sinais plausíveis da vida nova com as quais o mundo está chamado a caminhar. Por isso, a paz é sinal da nova terra que sonhamos possuir plenamente um dia.

³⁹⁷ LG, 48b.

³⁹⁸ GRABNER-HAIDER, A. “Ressurreição e glorificação”. In: *CONCILIUM- Revista Internacional de Teologia*, São Paulo: HERDER, (jan/1969), pp. 69-70.

5.5. A promoção da paz como sinal da nova terra

Os cristãos, vivendo no tempo da Igreja, estão imerso na tensão escatológica, própria deste período, pois vivem entre a primeira vinda de Cristo, na fraqueza da carne, e à espera do advento da Parusia do Reino. Neste ínterim, são no mundo testemunhas do Senhor ressuscitado³⁹⁹. Para os Padres conciliares, os cristãos são no mundo um sinal do Deus vivo os quais devem alimentar com seus frutos espirituais a sociedade sonhada por Jesus para todas as pessoas. Assim, se lê que *“todos juntos, e cada um na condição que lhe é peculiar, devem alimentar o mundo com os frutos espirituais (cf. Gl 5,22) e difundir nele o espírito do qual são animados aqueles pobres, mansos e pacíficos que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados (cf. Mt 5,3-9). Em outras palavras ‘o que a alma é no corpo, isto sejam no mundo os cristãos’”*⁴⁰⁰.

Com esse texto, o Concílio quis deixar evidente que o papel do cristão na vida do mundo não é passivo, mas ativo. Os Padres com alusão ao pensamento patrístico da *Carta a Diogneto*, nº 6⁴⁰¹ repõem o compromisso cristão, como elemento necessário à visibilidade da índole escatológica da Igreja, porque o cristão precisa demonstrar ao mundo a razão da sua esperança. Neste contexto, a paz é uma das formas eficazes de acolhida da salvação cristã.

Outro padre da Igreja salientou que o cristão busca a paz como herança de Cristo. *“O senhor, já próximo à Paixão, entre outros preceitos e ensinamentos salutareis, acrescentou a seguir: ‘eu vos entrego a paz, eu vos dou a minha paz’.*

³⁹⁹ Cf. BARAÚNA, Frei G. “Transcendência-Imanência, a difícil Dialética da Hora Presente”. In: Frei G. BARAÚNA, (org.), *A Igreja do Vaticano II*. op. cit., pp. 46-48.

⁴⁰⁰ LG, 38.

⁴⁰¹ Sobre uma análise do texto patrístico de Diogneto citado pelo Concílio, ver BARAÚNA, Frei G. “Transcendência-Imanência, a difícil Dialética da Hora Presente”. op. Cit., 46-56.

Esta é a herança que nos deixou. Todos os dons e todos os prêmios das suas promessas estão incluídos nisto: a inviolabilidade da paz”⁴⁰².

O cristão, segundo São Cipriano, deve ser um pacificador. Para ele, a paz é a bandeira de todo aquele que abraça a vida nova em Cristo. Essa paz gera a concórdia desejada por Deus na vida das comunidades e das pessoas, individualmente, revelando a presença do Reino “já” acontecendo concretamente. A inviolabilidade da paz nos faz sonhar uma sociedade cujas questões sejam resolvidas mediante o amor e não a violência; cuja tolerância não seja apenas uma questão de pauta de reuniões internacionais, mas seja algo efetivo na vida dos países e dos grupos. Daí acreditarmos que a paz desejada por Cristo não passa pelos mísseis, fuzis, bombas nucleares ou em guerras preventivas. A paz é fruto da tolerância, da concórdia, da harmonia, da atitude de respeito, acolhimento, solidariedade, partilha, justiça e fraternidade. Enquanto se empreender a paz pela violência, somente ofuscaremos o ideal da plenitude da esperança. Por isso mesmo, é vergonhoso que em países inerentemente cristãos, nos quais a paz deveria ser o imperativo relacional, se vejam tanta violência, morte, desigualdade e injustiças de todas as formas. A renovação escatológica do mundo pressupõe que as situações de morte sejam abolidas de seu meio e a paz reine entre as pessoas.

Portanto, em atos concretos esse “já” e “ainda não” da plenitude da esperança da salvação potencializem cada fiel de Cristo a promover a concórdia e a fraternidade mundiais. No nível das relações sociais, a paz depende do fim da exploração, da rapina dos países ricos com relação às riquezas primárias dos países pobres, a superação da fome e da miséria, e ainda a valorização das pequenas culturas. Sem abertura a esses gritos espalhados pelos rincões do mundo, não se construirá essa sociedade da paz.

Este novo ordenamento no qual a salvação escatológica vai acontecendo, somente será sinal da paz do reino quando os homens se reconciliarem como

⁴⁰² CIPRIANO, São de C. A Unidade da Igreja, nº 24, São Paulo: Paulinas, 1976.

filhos de Deus e herdeiros da mesma promessa salvadora. A renovação escatológica do mundo presume uma consciência de filhos e filhas de Deus, que espelhando na filiação divina constroem juntos um mundo mais repleto de Deus. Tomado de consciência cristã, o fiel sabe que seu destino encontra realização no mistério de Cristo e, por isso, mesmo se configura ao Jesus da paz e da reconciliação.

O desejo de estar com Cristo conduz o cristão a viver confiante, à espera do tempo final, quando a paz e o amor não serão mais projetos, mas realidades. Assim *“a tensão escatológica com relação à construção do Reino de Deus, na sua dimensão temporal e na sua dimensão escatológica, nasce do processo que se cria no interior da prática cristã de se viver intensamente a união com Cristo na força do Espírito Santo”*⁴⁰³. Desta forma, para o Povo de Deus, membro da Igreja escatológica, a renovação do mundo é um projeto de paz cristã vivida na comunidade de fé, que leva a pessoa a caminhar pela confiança na esperança rumo à plenitude da salvação.

5.6. Conclusão

O “já” e o “ainda não” da práxis cristã, como demonstramos, configuram-se por uma presença comprometida com a pessoa de Jesus Cristo e seu plano de amor. Essa realidade divina não é um anestésico antimundo, mas uma força na caminhada, pois quem vive à luz da esperança cristã não pode descuidar da valorização da vida e do comprometimento neste mundo. A plenitude da esperança sugere um “ainda não” da promessa messiânica, que, por sua vez, impele cada fiel em Cristo a buscar construir neste mundo as condições para que o Reino de Deus cresça e tome forma definitiva.

Um fato que esse capítulo deixou entrever é que a vivência cristã comprometida faz nascer uma nova humanidade, liberta do temor da morte e

⁴⁰³ Lina BOFF. “Índole Escatológica da Igreja peregrinante”. op. cit., p. 17.

cheio de sentido para viver. Outra fato importante é que a vida cristã está, terminantemente, voltada ao profetismo, ou seja, a protestar diante da injustiça, a não aceitar esse mundo com suas incoerências e sinais de morte. A vida cristã é um autêntico caminho de libertação até atingir a plenitude do Reino.

Neste capítulo, descobrimos que nossa vida e nosso mundo estão, definitivamente, voltados a Deus e que, em Cristo, já recebemos a resposta definitiva. Como diz L. Boff: “*Em Jesus Cristo, recebemos a resposta definitiva de Deus: não a morte, mas a vida é a última palavra que ele, Deus, pronunciou sobre o destino humano*”⁴⁰⁴. O futuro está aberto, e o fim da história de pecado-graça tem um fim bom, já garantido. O que resta ao homem é aderir ao projeto de Jesus e assumi-lo como parte inerente de sua vida. Descobrimos neste capítulo que a vida do cristão é um ministério de amor e compromisso com a causa de Cristo. E por isso onde existem sinais do antirreino, contradições com a esperança cristã, aí precisa de conversão interior. O cristianismo é um processo constante de *metanoia* a Cristo. A primeira regra para o Reino efetivar-se é sempre estar disposto à conversão e ao arrependimento. Uma Igreja de convertidos é uma comunidade que caminha na esperança escatológica da salvação. O pecado é marca de uma inconsciência diante da vida nova à qual Cristo chama cada batizado. Segundo M. Schmaus, a justiça e o amor somente serão regra universal e norma histórica quando o ser humano amadurecer no relacionamento com Jesus⁴⁰⁵.

⁴⁰⁴ BOFF, L. *A nossa Ressurreição na Morte*. op. cit., p. 61

⁴⁰⁵ Cf. SCHMAUS, M. *El Problema Escatológico*. Barcelona: HERDER, 1964, pp. 55-69.